



FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI - SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 23 DE JUNHO, DE 2025 - 21H00

Sessão 47 “A ROSA PÚRPURA DO CAIRO” (1985)



Esta «Rosa Púrpura do Cairo» é bem o tipo de filme sobre o qual gostaríamos de dizer muito pouco; apenas o essencial: veja, não perca, trata-se de uma obra genial. E tudo isto porque, por muito pouco que se diga, haverá sempre algo que pode «estragar» o impacto do leitor com a obra, abalando a surpresa, que deverá ser total.

Woody Allen realiza um filme onde não surge como actor, o que já havia sucedido anteriormente em “Intimidade”, mas nessa altura enveredando por uma linha muito bergmaniana. Agora, depois da sua ligação com Mia Farrow, Woody Allen parece ter adquirido uma outra serenidade, uma maior confiança em si e nos seus semelhantes (dizia eu isto em meados dos

anos 80 do século passado; imagine-se agora!), o seu cinema deixou de ser tão cínico e pessimista, passou a desenvolver-se noutros terrenos, numa linha de inspiração mais chaplinesca, mais humana, mais fraterna, onde valores e sentimentos como a ternura, o amor, a amizade, a simpatia tudo parecem envolver e ultrapassar os seus contrários.

Depois, cinéfilo confesso, Woody Allen faz em “Rosa Púrpura do Cairo” a mais bela e a mais sincera das homenagens ao cinema: sem cinema a vida seria quase impossível de viver, e mesmo quando se descobre que o cinema nada mais é do que fantasia imaginada numa tela branca, mesmo nessa altura ele continua a ser necessário. É evidente que Woody Allen fala de cinema, mas poderia falar de Arte ou de Espectáculo. A nós, porém, agrada-nos que ali esteja o cinema, «fábrica de sonhos», a ser saudado enquanto tal. Porque os sonhos podem ser por vezes negativos, mas são imprescindíveis. E Rosa Púrpura do Cairo demonstra-o.

Cecília, uma empregada de restaurante, casada com Monk, um desempregado que sobrevive à sua custa (tudo isto durante a grande depressão económica nos EUA), tem como refúgio único uma sala de cinema, onde diariamente devora com avidez as histórias vividas por outros no écran. Um dia, porém, uma das personagens sai do «écran» e vem instalar-se junto dela, seduzida pela fidelidade da espectadora. A partir daqui tudo é possível neste jogo fascinante entre a realidade e a ficção, entre o vivido e o sonhado. A ideia básica desta obra de Woody Allen é realmente notável, mas não é menos notável a forma como ela é desenvolvida até final, num inteligente jogo de espelhos, com a Alice colocada do lado de cá, sendo visitada por uma figura desse país das maravilhas que é o cinema.

Tom Baker, a personagem de explorador destemido que sai do filme e se instala na vida real, confronta-se igualmente com Gil Shepherd, o actor que lhe deu vida (e que se chama, na realidade, Herman Bardeberian!). A fuga de Tom Baker do universo de imagens animadas provoca duas tempestades: uma no próprio filme, onde se instala a confusão, com as demais personagens procurando afirmar-se como protagonistas; outra, na realidade, com os responsáveis pelo filme — produtores, realizador, actor — a tentarem evitar o escândalo que tende a estender-se a toda a América, pronunciando o pânico generalizado. Porque o universo do cinema não pode saltar para a vida. Porque no cinema tudo é perfeito, mas não é real.

Esta oposição entre o mundo utópico do sonho e a realidade do dia-a-dia, sobretudo num país e num período marcados por grandes dificuldades económicas e sociais, é muito bem dado pela câmara de Woody Allen, que escolhe para o preto e branco do «filme dentro do filme» cenários exóticos — Cairo, Marrocos, Tânger—, referências exaltantes, personagens imaculadas e situações de excepção, e para a cor do seu filme, cenários de angustiante desespero e desalento.

Por isso, quando desce à realidade, Tom Baker não se adapta (Cecília diz-lhe mesmo: «Você não se aguenta fora do écran»). Ele leva Cecília a dançar, ela leva-o a comer pipocas. Ele dá-lhe champanhe a beber e paga uma refeição com dinheiro falso, ela mostra-lhe a sopa dos pobres, a prostituição, a miséria de certos bairros populares. Quando Monk, o marido de Cecília, o desafia para um combate de boxe, Tom Baker bate lealmente, mas o outro arruma-o com um golpe baixo. Ele salta para um carro e julga pô-lo em andamento sem mais aquelas, tal como no cinema, ela mostra-lhe uma mulher grávida e ele explica que, no cinema, «o amor se faz em fusão» (isto é: quando se aproxima a altura do acto amoroso, o realizador escolhe «a fusão em negro» que alude a situação e a deixa subentendida).



Mas «A Rosa Púrpura do Cairo» não é só importante por este jogo de espelhos entre a realidade e o mito, níveis que se não podem trocar ou inverter (quando Cecília visita o «filme dentro do filme» provoca outras tantas situações conflituosas, pois altera a ordem estabelecida: «esta mesa é sempre para 6, não pode ser para 7», diz-lhe o empregado do restaurante). Ele é igualmente um muito interessante retrato de mulher e da sua condição, com um marido que a maltrata, a expolia, vegetando em casa, com jogo, mulheres e bebida, enquanto Cecília procura formas de subsistência. A sua paixão pelo cinema é assim um percurso iniciático que a levará a descobrir a si própria e a melhor entender o mundo que a rodeia (e a mentira desejada que é o cinema). Por isso, quando no final regressa à sala escura para ver Fred Astaire num momento de suprema magia sabe o que a espera — o cinema é um sonho, uma mentira, mas algo em que, apesar de tudo, é preciso acreditar para se suportar a existência. É através da arte que se estabelece o equilíbrio com a realidade. «A escolha é o melhor atributo do homem». Cecília escolheu.

Escolheu aceitar a vida com todos os seus problemas porque, ao fundo da rua, existe uma sala escura onde a magia é possível. Por isso ela a procura, mesmo quando sabe que está fechada e não há sessão. Por isso ela quer ver o mesmo filme que já viu, aquele em que ela sabe já o que a espera.

Obra admirável pela complexidade do que põe em jogo, «Rosa Púrpura do Cairo» é um dos mais belos filmes de Woody Allen e, simultaneamente, um dos mais fulgurantes retratos do universo do cinema. Mas Mia Farrow é aqui uma colaboradora indispensável, um suporte admirável que serve com uma sensibilidade e talento invulgares os propósitos do autor.

Lauro António



THE PURPLE ROSE OF CAIRO



A ROSA PURPURA DO CAIRO

Título original: The Purple Rose of Cairo.

Realização: Woody Allen (EUA, 1985); Argumento: Woody Allen; Fotografia (cor): Gordon Willis; Direcção artística: Edward Pisoni; Cenários: Stuart Wurtzel, Carol Joffe e Justin Scoppa. Guarda roupa: Jeffrey Kurland. Som: James Sabat e Richard Dior. Música: Dick Hyman. Canções: «Cheek to Cheek», de Irving Berlin, interpretada por Fred Astaire; «I Love My Baby, My Baby Loves Me», de Bud Green e Harry Warren; «Alabama Bound», de Ray Henderson, B. G. De Silva e Bud Green. Montagem: Susan E. Morse. Produção: Robert Greenhut e Charles H. Joffe, Jack Rollins-Charles H. Joffe Production/20th Century Fox/Orion. Intérpretes: Mia Farrow (Cecilia); Jeff Daniels (Tom Baxter/Gil Shepherd, alias Herman Bardebedian); Danny Aiello (Monk); Irving Metzman (o director do cinema); Stephanie Farrow (a irmã de Cecilia); David Kieserman (o dono da cafetaria); Elaine Grollman, Victoria Zussin, Mark Hammond, Wade Bernes, Joseph G. Graham, Don Quigley e Maurice Brener (clientes da cafetaria); Paul Herman, Rick Petrucci, Peter Castellotti, Milton Seaman, Mimi Weddel, Tom Degidon, Mary Hedahl, Edward Herrman, John Wood, Deborah Rush, etc. Duração: 81 minutos. Distribuição: Filmes Castello Lopes. Edição vídeo: Publivideo (Aluguer) e Casablanca (Venda Directa). Classificação: Maiores de 6 anos/Filme de Qualidade; Estreia em Portugal: 12 de Setembro de 1985

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 7 DE JULHO DE 2025

MASTERCLASS Cinema Americano Anos 80 21H00 (entrada livre)

“Africa Minha” de Sydney Pollack / 1985